

O luto no digital

Manter, excluir ou transformar em memorial. O destino das redes sociais após a morte expõe dilemas emocionais e jurídicos ainda sem respostas claras

POR GIOVANNA KUNZ

A morte nunca encerrou completamente uma história. No entanto, em um mundo atravessado por redes sociais, mensagens e arquivos digitais, a ausência física de alguém pode vir acompanhada de uma presença constante nas telas. Perfis permanecem ativos, conversas seguem armazenadas e memórias aparecem a qualquer notificação. Entre o conforto e a dor, cada pessoa encontra uma forma de lidar com essa permanência.

Para o coordenador comercial Caio Queiroz, de 22 anos, a relação com a presença digital da irmã, Kawany, que faleceu aos 16 anos, em agosto de 2025, mudou com o tempo. “No começo, eu evitei ver as redes sociais dela, doía muito a ausência. Depois, eu comecei a entrar e ver que não tinha novas atualizações, porque não tinha como haver novas postagens, eram só aqueles últimos momentos”, conta.

Arquivo pessoal



Caio e Kawany Queiroz sempre foram muito próximos, então as memórias virtuais são uma forma dele matar a saudade da irmã

O contato com os registros digitais, aos poucos, deixa de ser apenas dor e passa a ocupar um espaço ambíguo no processo de luto, alternando entre lembrança, saudade e tentativa de reconstrução emocional. “Todo santo dia eu vejo todos os vídeos que eu tenho com ela. Com baixa frequência, eu leio as conversas que tínhamos”, relata. “Eu e a Kawany sempre fomos extremamente próximos, não existiam segredos entre a gente, sempre fomos o apoio um do outro e sempre ajudamos um ao outro”, acrescenta.

Apesar disso, o jovem nunca mandou mensagem para a irmã desde que ela se foi, pois sabia que não teria resposta, mas se sente feliz quando o celular da irmã recebe notificações. “Eu entro para ver e há algumas amigas dela que mandam mensagem dizendo que sentem falta ou apenas uma figurinha boba. Eu acho um gesto de carinho enorme quem faz isso. Eu não consigo, acho que mandar mensagem e não ter uma resposta é como reabrir uma ferida e encarar a realidade”, diz. Apesar de não ter o hábito de enviar mensagens, Caio tem escrito

cartas para Kawany. “Eu escrevo cartas para ela em um papel e depois rasgo e jogo fora, aprendi na terapia e tem me ajudado a lidar com o luto.”

Enquanto no começo a presença digital da irmã de Caio gerou dor, atualmente é uma fonte de conforto. “Eu vejo que a vida dela foi alegre, ela sofreu bastante com a depressão, mas teve momentos genuinamente felizes. Eu vejo o sorriso dela, o brilho no olhar, as coisas que ela gostava de fazer e às quais se dedicava, e me conforta saber que, mesmo breve, ela aproveitou seus dias aqui”, destaca.

Publicar nas redes também se tornou uma forma de ressignificar a perda e encontrar outras pessoas atravessando experiências semelhantes. “No luto, mesmo rodeado de parentes e amigos, chega uma hora em que cada um segue em silêncio, e você se sente de lado, sente que está lidando com tudo sozinho. Nos meus posts, inclusive, teve um que viralizou bastante, eu vi que havia mais gente nesse barco, havia mais gente que, assim como eu, atravessava esse mar, e pude conversar com algumas pessoas que se sentiam da mesma forma que eu.”

Quando ver machuca

Se, para alguns, a presença digital se transforma em conforto, para outros, ela intensifica a dor e exige distância como forma de proteção emocional. É o caso da advogada Marcela Calegairo, de 31 anos, que perdeu a mãe, Sônia Calegario, aos 51 anos, em 2025, após enfrentar um câncer metastático.

Ao falar sobre a mãe, Marcela relembra a personalidade marcante e acolhedora. “A minha mãe era uma mulher dócil, uma mulher cheia de fé, uma mulher muito amável, acolhedora, caridosa, forte. Ela era única, tinha um brilho surreal, todo mundo gostava dela.”

Segundo a advogada, o perfil da mãe permanece ativo, mas com restrições, pois alguns posts sobre o falecimento viralizaram e ganharam uma exposição inesperada. “O perfil dela continua ativo, mas eu o tranquei, porque a gente não esperava essa repercussão toda”, diz. “A gente ficou bem surpresa com essa questão de viralizar, mas é muito ruim ter que ficar revendo os vídeos, as fotos, porque isso machuca muito mais, dá muito mais saudade”, enfatiza.